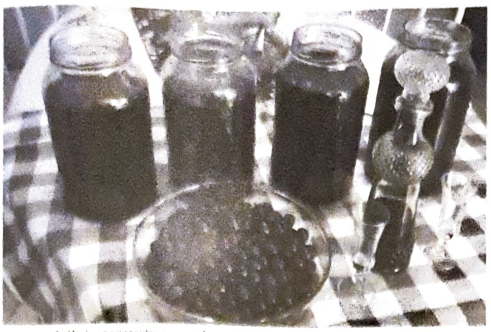
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

A jabuticaba e o marrasquim



O clássico marrasquim, preparado com jabuticabas e cachaça, segue como símbolo do saber e da história dos famílias serranos | Arquivo de Nestor Leme

Tinha sete anos quando a prima Lourdes, filha da tia Zita, se casou com o estudante e músico Irineu Schiavo, moço que trabalhava ardilosamente na lavoura do sítio da família e aos sábados estava disposto para tocar nos conjuntos musicais serranos ou em bailes de casamento. Depois do casamento, a prima foi morar no sítio da família do marido, onde a luz elétrica ainda não existia, o moinho de fubá era movido à roda d'água e a iluminação das casas ainda era feita com lamparinas abastecidas com querosene — mas havia muitas jabuticabeiras.

O Irineu saia sempre para tocar e, como tinha preocupação em deixar a esposa sozinha, fui morar com eles para lhe fazer companhia. No tempo em que isso aconteceu, ainda moravam naquele sítio quase todos os membros da família Schiavo, que mantinham costumes antigos, vindos da Itália. Lá, as prosas eram quase sempre em italiano, pois a nona Plácida falava pouco em português. Assim, vivendo no meio deles, aprendi muito sobre os costumes das famílias de italianos que vieram morar e trabalhar em nossa região - e também sobre o que eles assimilaram dos nossos hábitos.

Por isso, posso afirmar que uma das coisas de que mais gostaram, entre as que encontraram por aqui - principalmente os homens - foi a cachaça, e, entre as frutas, a jabuticaba. Os italianos eram conhecidos como bebedores de vinho; mas também era sabido que usavam o bagaço das uvas esmagadas na elaboração do vinho para a fabricação da grapa, aqui conhecida como bagaceira.

Porém, no início da história deles aqui no Brasil, faltavam as uvas para o vinho e o bagaço para a grapa, mas havia a cachaça - muito mais fácil de ser fabricada. Resolvido o problema da bebida, foram atrás das jabuticabas, frutas nativas das matas locais, de onde trataram de tirar as mudas para transplantá-las para perto de suas casas, uma vez que diziam que a jabuticabeira plantada por semente levava décadas para produzir.

No que restou do sítio dos Schiavo, em frente à antiga casa da família, ainda existe uma jabuticabeira produzindo - a mesma que ajudei o Irineu a transplantar para aquele local, há uns setenta anos.

Bem, a cachaça estava ali, e as jabuticabas também. Um dia, alguém juntou a fruta à bebida, com mais açúcar, e conseguiu um licor que, de imediato, fez sucesso e logo se espalhou por todos os cantos - batizado como marrasquim.

Na nossa família, a saudosa tia Zita fabricava o licor, que a criançada não tinha autorização para beber. Porém, no dia em que ela separava as frutas da bebida, ficávamos rodeando, esperando ela descartar as jabuticabas - aí chupávamos aquelas frutas descartadas e, é claro, ficávamos um pouco embriagados.

O licor era elaborado na safra de jabuticabas, entre outubro e novembro, e estava pronto e descansado em dezembro. Assim, os marrasquinzeiros tinham o costume de servi-lo às visitas nas festas natalinas e queriam saber a opinião destas sobre a qualidade de seu marrasquim.

Atualmente, não sei quem ainda mantém a tradição de manipular o marrasquim. Eu faço a minha parte e elaboro dois garrafões: um para o meu consumo e outro para o amigo de infância, Dú da Farmácia Central.

Lembro que, no passado, existiam marrasquinzeiros famosos na cidade, tais como Primo Beraldi, Alcides de Almeida, Teco Faria, Ludovico Fossato, João Russo e outros. Naquele tempo, sugeri ao setor de turismo municipal promover um Festival do Marrasquim Serrano, na Praça João Zelante, com degustação da bebida e competição para se escolher o melhor marrasquim. Porém, a ideia não prosperou, o tempo passou, os marrasquinzeiros foram partindo e, hoje, desconhecemos quem ainda elabora esta bebida que, por décadas, foi tão popular entre o nosso povo...

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

Entre o passado, o presente e o futuro

O tempo é um viajante. Passa por nós sem pedir licença, levando pedaços de quem fomos e deixando marcas do que aprendemos. O passado é uma mala que carregamos cheia de lembranças doces, ou outras vezes, pesadas demais.

Lá eu consigo ouvir as risadas da infância, os erros que cometemos, os amores e as promessas que o vento levou. Mas é também dele que tiramos lições, bússolas que nos norteiam e tentamos usar com sabedoria, apontado o caminho para o que ainda vem. O presente, por sua vez, é aqui e agora. Vive dia a dia esse turbilhão de emoções, ora felizes, ora tristes; ora cansadas, ora dispostas.

O presente parece uma pessoa carente, não quer ser ignorado. E amanhã já é ontem. Penso sempre naqueles que já foram, nas coisas que aconteceram, e é com toda essa bagagem que enfrento o hoje sempre esperando o amanhã. Hoje tem um cafezinho, uma conversa ou discussão.

Muitas e muitas vezes fico distraída com as minhas lembranças, conversando com quem já não está mais aqui. E mesmo que o tempo passe e já não tenha tantos planos, alguns ainda vou pensando. Durante a vida, vamos correndo tanto que, às vezes, mal sentimos que temos um chão sob nós. E quando finalmente paramos, percebemos que o presente é o único tempo que realmente temos, o único que podemos tocar.

Ah, o futuro! Um quadro em branco. Para alguns um "quadrão", para outros um "quadrinho". Tem que ser desenhado e preenchido. Mas em qualquer tempo temos medos, sonhos e esperanças. Vamos fazendo planos, traçando metas, mas como o futuro é uma incógnita, tudo pode acontecer. Por isso, tem que pensar no agora.

Trazemos do passado conquistas e superações, mas também trazemos feridas, experiências e vivências. Ver ou outra, as feridas doem; outras vezes, lembramos de superações que nos deram coragem. Aprender com o passado é a melhor forma de crescer, saber ser perdão - e também ser fortaleza - para que toda essa bagagem do passado não impeça o voo do futuro.

A minha vida e a sua vida vão seguindo suas marchas, com fases boas e ruins, vivências felizes e tristes. E se aprendemos, veremos que o passado nos ensina, o presente nos desafia e o futuro é sempre um sonho a ser sonhado. Não existe segredo, é simplesmente a vida. Talvez exista, sim, o segredo de viver leve, com bons pensamentos, lembrando que boas energias atraem boas energias, e presente, passado e futuro são a nossa história em movimento. E esse viajante vai nos levando por aí afora...

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Arte em toda parte: o início de um museu vivo

Esta semana é de festa e contas a acertar. Faltando poucos dias, se meu tio Ary Vieira estivesse entre nós, ele completaria 104 anos. Ele foi um guerreiro, um serrano que adorava uma piada, mas que, acima de tudo, era um excelente desenhista de nanquim. O destino, em seu humor peculiar, fez com que ele falecesse em 2017, a uma semana de receber uma homenagem que ele tanto apreciava. O combatente da FEB, o homem que era a paz em pessoa, apesar de toda a guerra.

Mas a vida, meus amigos, não dá trégua. Enquanto eu penso nos 104 anos do meu tio - que em sua essência já praticava o que hoje chamam de Slow Movement (o movimento de viver devagar, apreciando a vida sem a ansiedade dos grandes centros) -, a burocracia nos presenteia com um reconhecimento oficial: o Ministério da Cultura finalmente coroou nossa Residência Artística como MUSEU oficial! E, como se não bastasse, ainda fomos reconhecidos, via edital estadual, como Ponto de Cultura! Em um 2025 cheio de vitórias, é a cultura florescendo, mesmo com verba que, sejamos francos, é muito modesta e vem de fora, com nossos projetos vencendo o "vestibular" dos editais da Lei Aldir Blanc e do PROAC. Mas, o que nos move é o amor à ARTE!

E o que faremos com esse novo status de Museu? Iniciaremos a Pré-Abertura do Museu ReArte com um evento que homenageia meu tio e sua dualidade. O acervo histórico começa com o que ele trouxe da Segunda Guerra: diários, medalhas, e, em contraste com os horrores das batalhas, sua coleção de belíssimos cartões postais dos pontos históricos da Europa que ele colecionava. É a beleza que sobrevive à barbárie, um achado que apresentaremos ao público neste domingo.

E, claro, a nossa máxima de "Arte em toda parte" não pode falhar. Teremos a exposição de pinturas e a apresentação teatral (ensaio aberto) da peça "Esconde o Conde", baseada na profunda pesquisa de Nestor Leme sobre o nobre da família imperial alemã que vivia aqui em Serra Negra. E para dar um toque ainda mais vibrante, a Cia. Talento coreografará músicas criadas especialmente para homenagear nossa cidade, transformando o ensaio aberto em uma festa interativa!

E assim chegamos ao cerne da questão: o legado não são só as medalhas. É a capacidade de transformar a memória em ação, a história em riso, e a honraria em festa popular. A comemoração da vida do meu tio se funde com a inauguração do Museu, e tudo isso acontece graças à ousadia de quem acredita que a Cultura, mesmo sem grande lastro financeiro, é a nossa maior riqueza. E é por isso que convido a todos para o nosso "Memória em Movimento" - o evento que marca o início do Período de Visitas Experimentais do Museu ReArte!

Para saber como participar, acesse o site da ReArte (QR Code abaixo). Garanta seu lugar nesta primeira leva, pois a memória não espera!

"Museu ReArte" | Henrique Vieira Filho

104,5 fm SERRANEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Arte em toda parte: o início de um museu vivo

Esta semana é de festa e contas a acertar. Faltando poucos dias, se meu tio Ary Vieira estivesse entre nós, ele completaria 104 anos. Ele foi um guerreiro, um serrano que adorava uma piada, mas que, acima de tudo, era um excelente desenhista de nanquim. O destino, em seu humor peculiar, fez com que ele falecesse em 2017, a uma semana de receber uma homenagem que ele tanto apreciava. O combatente da FEB, o homem que era a paz em pessoa, apesar de toda a guerra.

Mas a vida, meus amigos, não dá trégua. Enquanto eu penso nos 104 anos do meu tio - que em sua essência já praticava o que hoje chamam de Slow Movement (o movimento de viver devagar, apreciando a vida sem a ansiedade dos grandes centros) -, a burocracia nos presenteia com um reconhecimento oficial: o Ministério da Cultura finalmente coroou nossa Residência Artística como MUSEU oficial! E, como se não bastasse, ainda fomos reconhecidos, via edital estadual, como Ponto de Cultura! Em um 2025 cheio de vitórias, é a cultura florescendo, mesmo com verba que, sejamos francos, é muito modesta e vem de fora, com nossos projetos vencendo o "vestibular" dos editais da Lei Aldir Blanc e do PROAC. Mas, o que nos move é o amor à ARTE!

E o que faremos com esse novo status de Museu? Iniciaremos a Pré-Abertura do Museu ReArte com um evento que homenageia meu tio e sua dualidade. O acervo histórico começa com o que ele trouxe da Segunda Guerra: diários, medalhas, e, em contraste com os horrores das batalhas, sua coleção de belíssimos cartões postais dos pontos históricos da Europa que ele colecionava. É a beleza que sobrevive à barbárie, um achado que apresentaremos ao público neste domingo.

E, claro, a nossa máxima de "Arte em toda parte" não pode falhar. Teremos a exposição de pinturas e a apresentação teatral (ensaio aberto) da peça "Esconde o Conde", baseada na profunda pesquisa de Nestor Leme sobre o nobre da família imperial alemã que vivia aqui em Serra Negra. E para dar um toque ainda mais vibrante, a Cia. Talento coreografará músicas criadas especialmente para homenagear nossa cidade, transformando o ensaio aberto em uma festa interativa!

E assim chegamos ao cerne da questão: o legado não são só as medalhas. É a capacidade de transformar a memória em ação, a história em riso, e a honraria em festa popular. A comemoração da vida do meu tio se funde com a inauguração do Museu, e tudo isso acontece graças à ousadia de quem acredita que a Cultura, mesmo sem grande lastro financeiro, é a nossa maior riqueza. E é por isso que convido a todos para o nosso "Memória em Movimento" - o evento que marca o início do Período de Visitas Experimentais do Museu ReArte!

Para saber como participar, acesse o site da ReArte (QR Code abaixo). Garanta seu lugar nesta primeira leva, pois a memória não espera!

Arte em Toda Parte: O Início de um Museu Vivo
ibram instituto brasileiro de museus
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO
www.rearte.com.br

"Museu ReArte" | *Henrique Vieira Filho*